

Prós e contras da reposição hormonal

Mulheres na

pós-menopausa e aquelas em idade mais avançada podem ser beneficiadas

A reposição de hormônios pode trazer benefícios não apenas para as mulheres na pós-menopausa, mas também para aquelas que estão em idades bem mais avançadas. Essa foi uma das principais conclusões entre geriatras, ginecologistas e endocrinologistas no 1.º Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia. A mesa contou com especialistas de renome no País, como os ginecologistas e professores Hans Halbe e Vicente Bangnoli, do Hospital das Clínicas (HC), o endocrinologista Antônio Lerário, também do HC, e o geriatra Emílio Moriguchi, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Porto Alegre.

Até cinco anos atrás, especialistas acreditavam que tratamentos com estrógeno (hormônio sexual feminino) em mulheres com idade de 65 anos ou mais não eram eficazes. Hoje, há consenso de que o uso do hormônio nesses casos pode ajudar na prevenção e tratamento de várias doenças, afirma a geriatra Maria do Carmo Sitta.

Resistência – Na opinião da médica, talvez seja por desconhecimento que muitas mulheres ofereçam tanta resistência para fazer a reposição hormonal, após a menopausa, quando o organismo deixa de produzir e pode haver carência de hormônios. Especialistas concordam que o estrógeno pode contribuir, por exemplo, na prevenção e tratamento da osteoporose ou descalcificação dos ossos, porque,

além de estabilizar esse processo, permite a recuperação de parte da massa óssea (total de cálcio do organismo).

O estrógeno pode também evitar que mulheres que tiveram problemas cardíacos, como angina ou enfarte, venham a apresentar a repetição das doenças. Isso porque, segundo Maria do Carmo, o hormônio pode proteger as artérias que irrigam o coração (coronárias), promovendo a sua dilatação, melhorando a circulação e o perfil das gorduras do sangue (colesterol).

A ação do estrógeno em mulheres com mais idade foi descrita há três anos, na Suíça, quando médicos o usaram em pacientes com mal de Alzheimer (demência),

com idade média de 80 anos, e os resultados foram satisfatórios. As causas do mal não são inteiramente conhecidas, mas os médicos observaram que a incidência da doença foi maior, e os sintomas mais acentuados, em pacientes que não utilizaram o estrógeno. Ao mesmo tempo, as mulheres que usaram o estrógeno apresentaram melhora na sua capacidade verbal, de compreensão, de memória, de comunicação e de autocuidado.

O uso desse hormônio pode também proporcionar maior elasticidade à pele – inibindo o envelhecimento de modo rápido e o surgimento de rugas – ou auxiliar na prevenção e tratamento da atrofia da região genital. Neste caso, o hormônio dá mais firmeza

à mucosa vaginal, melhorando a posição da bexiga e ajudando a prevenir a incontinência urinária.

Algumas mulheres ficam mais predispostas a ter depressão na menopausa e o estrógeno pode ser usado como coadjuvante no tratamento com antidepressivos.

Risco – O maior risco oferecido pela utilização prolongada do estrógeno está ligado ao aparecimento do câncer de mama ou de útero. Para Maria do Carmo, somente o uso contínuo do hormônio – por mais de dez anos – expõe a paciente a esse risco. Mesmo assim, explica ela, “é possível impedir o aparecimento do câncer de útero com a indicação de um outro hormônio, que deve ser combinado ao tratamento, a progesterona”. Em relação à mama, em alguns casos, é possível utilizar os chamados bloqueadores hormonais, que têm ação protetora semelhante ao estrógeno, mas previne o aparecimento do câncer.

Outro receio que pode levar as pacientes a evitar o estrógeno é a crença de que ele proporciona ganho de peso, o que também não é verdadeiro, segundo Maria do Carmo. O que tende a fazer a paciente engordar é a menopausa, que pode provocar uma baixa no nível de seu metabolismo (queima de calorias do organismo).

De acordo com os especialistas do congresso, toda mulher deveria considerar a possibilidade do tratamento com reposição hormonal, independentemente da idade. Embora, na grande maioria dos casos, os benefícios superem os riscos, para cada paciente, individualmente, é necessário avaliar a relação risco versus benefício. (R.P.)

**RISCO DE
CÂNCER SÓ
EXISTE COM
USO CONTÍNUO**